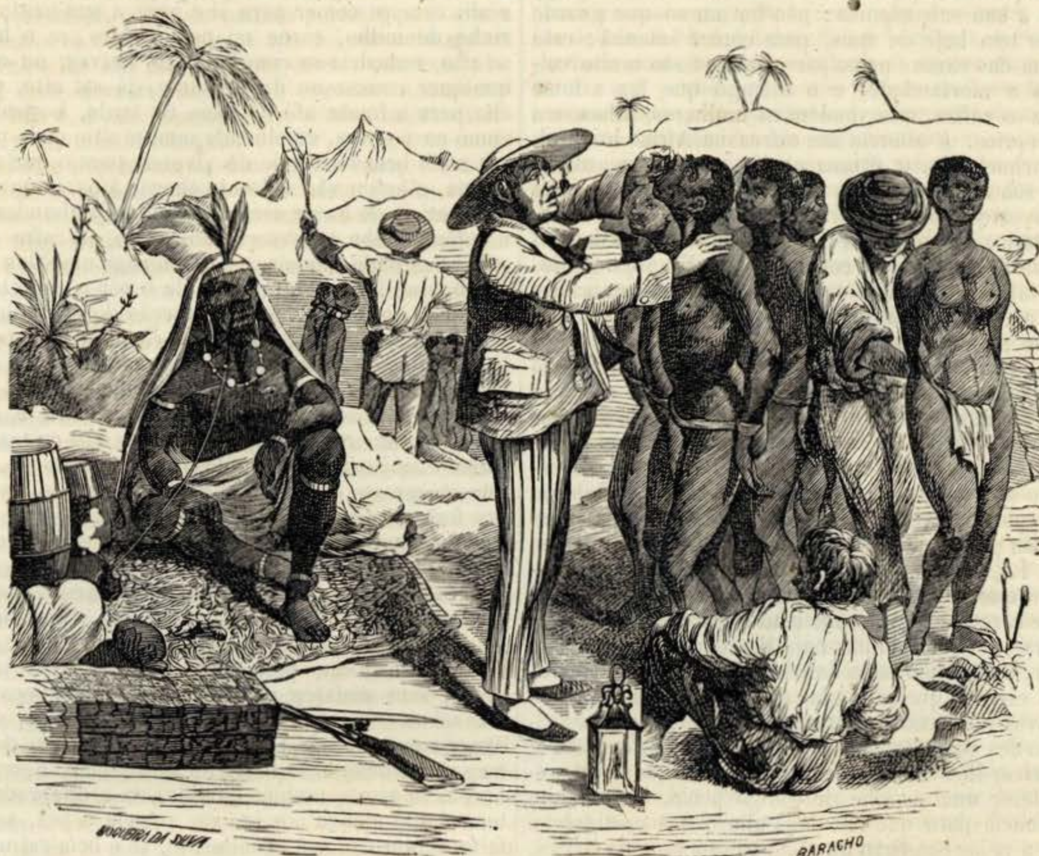


A escravatura na Africa Oriental. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Baracho.

Vamos dar uma resumida idéa da escravatura na Africa oriental. Habeis pennas tem escripto sobre este assumpto, mostrando todas as nações da Europa o mais louvavel empenho em livrar a humanidade do que suppõem ser um flagello que tanto a degrada. Mas o que tem apparecido a este respeito são, em geral, theorias mais ou menos carregadas nas côres, e nunca descripções imparciaes e desapaixonadas de factos que inveterados costumes tem arraigado em tal commercio, o mais lucrativo talvez de quantos se conhecem.

É a falta de um trabalho completo e consciencioso sobre tão importante assumpto que nós procurâmos agora supprir de algum modo com esta noticia, protestando que poremos toda a diligencia em ser o mais concisos possivel.

Não somos apologistas da escravidão, mas tambem não lhe votâmos o horror que a moda tem introduzido a proposito da escravidão dos cafres da Africa. Forcejaremos por dar uma idéa exacta da condição d'esta raça, elo da cadeia animal entre o homem selvagem e o homem social, e que todavia no seu estado de escravidão e no seu paiz se nos afigura que não é mais infeliz do que uma grande parte das ultimas classes das nossas sociedades; e se essa moda de acabar realmente com a escravidão fosse originada pela philanthropia, e não tivesse por base o egoismo e um interesse muito particular, então seguir-se-hia differente systema, que teria dado melhores resultados.

Em logar d'esses tratados impostos á força, e em virtude dos quaes uma nação poderosa no meio do seu enthusiasmo philanthropico se apodéra dos infelizes negros, e os distribue pelas suas colonias, sem outro emprego de fundos mais do que o de armar corsarios, quando aliás os escravos apprehendidos deviam ser reconduzidos para o seu paiz natal, e restituidos ás suas familias; cumpria a taes nações empregar todos os meios para civilisar esses povos, mas na sua patria, dar-lhes a luz do Evangelho, instruil-os, e não fazer-lhes uma guerra de exterminio, como, por exemplo, acontece no cabo da Boa-Esperança.

Ao passo, pois, que nos gabinetes da Europa civilisada a força impõe tratados, nos quaes só um lucra, deixam-se esses pobres selvagens no seu estado de barbaria devorarem-se, e jazerem na mais atroz barbaridade, contentando-se, e tendo por mui bom serviço á humanidade, o esperar nas costas em corsarios bem armados, que os aventureiros lhes tragam esses infelizes para sem custo se apossarem d'elles, e os civilisarem n'essas roças e plantações, onde não é permittida a escravidão, mas onde esses homens que passam a ser livres, estão contra sua vontade, e não fazem um só movimento que seja por vontade propria. Muito teriamos que dizer, se não precisassemos ser breves. Muito mais conviria, a não podêrem civilisar-se esses povos, que se estudasse o meio de melhorar a condição dos cafres escravos, mas com madureza e reflexão, estabelecendo leis policiaes, baseadas na equidade; n'isso se faria um assignalado serviço ás colonias e á humanidade, e se levariam os mesmos escravos a uma situação melhor do que a d'essa classe livre das sociedades civilisadas, que, condemnada aos trabalhos mais penosos, jaz sempre na miseria.

O cafre de sua natureza é indolente e pusillanime; nada ha que o estimule senão o medo; são rarissimos aquelles a quem o fructo do seu trabalho chega para a sua subsistencia; não ha um só que guarde o que tem hoje de mais, para comer ámanhã; esta é uma das causas principaes por que são muito vulgares a mortandade, e o estrago que faz a fome entre os cafres, que vendem as mulheres, filhos, e a si proprios. A alforria aos cafres na Africa oriental, em primeiro logar é uma utopia, pois os negros livres são alli os proprios que se fazem escravos, e os escravos que ficam libertos, ou por disposição testamentaria, ou por outro qualquer motivo, não deixam a casa de seus amos, como d'antes. Em segundo logar tal medida póde ter por consequencia acabar com a colonia, porque a jornal não é possivel cultivar-se para subsistir.

Segundo a nossa humilde opinião ha um meio pelo qual póde crear-se para os escravos uma situação mais digna que a d'esses mesmos libertos, presas das colonias inglezas: e vem a ser estabelecer um tribunal, ou auctoridade protectora dos escravos, decretando-se todavia préviamente a absoluta prohibição de exportar pretos, seja sob que pretexto for, para fóra da provincia. As attribuições do tribunal devem ser: 1.ª, receber e despachar petições de todo o escravo que se queira libertar, e passar-lhe a competente carta, indemnisando este o seu amo de um valor razoavel, e quando haja desconcordancia n'esse valor, decidir por meio de arbitros, assim como quando o escravo queira mudar de amo, dando para isso motivos justificados e attendiveis; 2.ª, vigiar o trabalho dos escravos, não consentir que seja excessivo, e marcar-lhes as horas, segundo as estações; 3.ª, estabelecer uma especie de codigo penal, e ter muita vigilancia para que não haja abuso nos castigos (é esta a peior condição que tem os escravos na Africa, porque são castigados injusta e barbaramente); 4.ª, escrupulosa fiscalisação para que sejam alimentados, educados e vestidos pelos amos. Com estas providencias os cafres escravos, tornando-se uteis, ficariam em melhor situação do que os colonos livres.

Agora trataremos de mostrar as differentes origens da escravidão. Todo o filho de escrava é escravo do senhor da mãe, seja o pae quem for; mas todo o filho de mulher livre nasce livre, muito embora o pae seja escravo. São escravos, em direito cafrial, os feiticeiros, os ladrões, os prisioneiros de guerra, a mulher revorada, e os seus filhos, aquella do marido, estes do pae. A quarta parte da escravatura que se exportava na Africa tinha por origem o que lá se conhece pelo nome de *feitiço;* outra quarta parte por este supposto crime era votada á morte.

Os negociantes locaes no mez de maio (referimonos aos annos de 1826 até 1840; mas sempre que haja exportação a pratica é a mesma) começam a mandar fazendas para o sertão para compra de negros; as fazendas constam de tecidos de algodão, chitas, missangas, coral falso, calaim (estanho), polvora, armas, lenços, etc. Um cafre livre ou escravo é o encarregado d'este negocio, e leva em sua companhia grande sequito de negros para carregarem as fazendas, e guardarem depois os escravos comprados. Ordinariamente cada comprador leva fazendas para comprar dez escravos, e d'ahi para cima, não esquecendo a competente gargalheira para os segurar e conduzir. Estas expedições (como alli se lhes chama) começam em maio e continuam até ao mez de setembro, e mesmo de outubro, segundo a affluencia de navios que ha, ou se esperam, e a falta ou abundancia de negros no mercado. Nós fallâmos nos escravos do commercio, ou de exportação. Cada um d'estes negociantes faz dez, quinze, e mesmo vinte expedições, e outros ha que fazem menos. O moçambaz (nome que tem o mercador do sertão) é despedido finalmente com os seus carregadores, e antes do sol posto hospeda-se em uma povoação de cafres, e alli compra comer para si e para a sua gente, farinha de milho, carne ou peixe sêcco, se o ha, e se não, remedeia-se com legumes, hervas, ou outra qualquer cousa: no dia seguinte, já sol alto, marcha para a frente até ao meio da tarde, hospeda-se como na vespera, escolhendo sempre sitio onde possa ser mais bem fornecido de viveres, para o que nada poupa, e assim váe indo até chegar á paragem onde tem noticia de haver escravos com mais abundancia, e então escolhe a povoação do regulo, ou cafre mais poderoso, onde se aloja, e a quem paga um salvo conducto, que lhe serve tambem de o pôr a coberto de qualquer aggressão, pela protecção do chefe da povoação. Corre logo a noticia da chegada do moçambaz para compra de escravos, e começa então a affluencia ao mercado que alli se estabelece.

Os vendedores trazem os escravos para o mercado, ou amarrados de mãos atraz das costas, ou soltos e enganados: quando vem amarrados é porque são presos, e compram-se mais baratos, porque por força os hão de vender, ou matar: os donos dirigem-se em primeiro logar ao chefe da povoação, com quem conferenciam sobre o moçambaz, se é generoso e paga bem, se tem boas fazendas, e por fim o valor do negro ou negros que traz; depois do que o chefe manda dizer ao seu hospede que está alli negocio, para o ir ver. Se se trata de preso, sem disfarce o váe examinar; começa pelos olhos, observa se tem algum defeito visivel, experimenta se tem falta de vista, de algum dente, ou se tem defeito na bocca; em seguida vê se tem barba, se tem o umbigo grande, se é quebrado, se tem algum aleijão nos braços, pernas e pés, se lhe falta algum dedo, e, finalmente, se é bem retinto, e não fullo, isto é, de côr avermelhada: mandam-o então andar, fazer differentes movimentos para conhecer que não é coxo; e não tendo deformidade alguma, trata-se do ajuste. O escravo ou escravos em questão por via de regra (sendo presos) estão presentes. O primeiro que se ajusta leva muito tempo para concluir, porque o comprador começa por dar-lhe a quarta parte do que calcula valer, e assim com muita difficuldade lhe váe augmentando a fazenda até quasi o preço total, insiste em não querer dar mais, isto com muito phraseado, em que se gastam algumas horas, ficando muitas vezes o negocio adiado para o dia seguinte. Finalmente, conclue-se a paga e o vendedor pede o sangue do escravo (murôpa), o que o comprador satisfaz dando-lhe quinze ou vinte fios de missanga; e para segurança e legalidade da compra pede ao vendedor o *recambo*, que é o mesmo que entre nós o recibo; mas entre os cafres o vendedor dá qualquer cousa, por mais insignificante que seja, como um bocadinho da pelle que traz vestida, ou arame do bracelete, etc., que tudo serve para legalisar a venda.

Quando o escravo vem enganado, o caso é differente; porque, depois da conferencia do estilo, o chefe dá parte ao moçambaz, mostra-lh'o disfarçadamente, estando elle misturado com os cafres da povoação, e o comprador procura examinal-o quanto póde, posto que não tão minuciosamente, e leva o mesmo processo no ajuste. Concluida a venda, o moçambaz se apodéra d'elle segurando-o de surpreza, e o mette em gargalheira: mais d'uma vez tem acontecido haver altercação entre o escravo e o vendedor sobre o direito que tem de vendel-o, e resultar da disputa o ir o vendedor para a gargalheira, e o que estava vendido receber o preço, e outras vezes intervir o regulo e receber o preço d'ambos, que ficam escravos. Pelo direito cafrial são escravos: o

ladrão apanhado em flagrante, ou sendo provado o roubo, o feiticeiro convencido pelas provas do muáve, o prisioneiro de guerra: a mulher revorada, e os filhos que tiver, o são do marido e pae, etc. O crime de feitiço é extensissimo, e não ha successo algum a que se lhe não attribua esta causa: por exemplo, uma fera devasta um sitio; segue-se a omberação, isto é, a adivinhação; o resultado sempre dá algum pronunciado como encantador, que por meio de maleficios tem a fera de dia em sua casa, e á noite a sólta, e a manda destruir, indicando-lhe até as pessoas e familias que deve matar: sendo convencido pelo muáve, fica escravo com toda sua familia. Em molestia prolongada, o ganga, que applica remedios, em primeiro logar adivinha para saber a causa da molestia, e o remedio que lhe ha de applicar; n'isto pronuncia sempre alguem como feiticeiro, o qual é convencido pelo muáve e fica escravo. Acontece muitas vezes chover d'um lado da serra, e do outro haver sêcca, e por isso as searas d'aquella parte estarem boas, e d'esta perdidas: procede-se á omberação, e ao muáve, e em seguida fica escravo o pronunciado, porque pelos seus encantamentos chamou a chuva para as suas searas, e vedou que caísse sobre as dos mais, para só elle ter que comer, e ser rico. Ninguem morre senão de feitiço. N'uma palavra, este supposto crime é um manancial inesgotavel de escravidão. Não havendo commercio de escravos, por via de regra o feiticeiro é queimado vivo.

Posto que no *Muata Cazembe* temos dado descripção minuciosa das provas do muáve, e da queima dos feiticeiros, como este livro não estará ao alcance de todos os leitores, julgâmos não ser fóra de proposito fazer aqui a mesma descripção, que é a seguinte.

Arguido o cidadão cafre de qualquer crime, ou imputação de que não ha provas, e que elle nega, é citado para tomar muáve, e então é posto nú em custodia, e vigiado desde o sol posto da vespera do dia em que o ha de tomar, e sem nada comer: n'este tempo váe o ganga (cirurgião, e adivinho ao mesmo tempo) apanhar o muáve, que é o tecido cellular da arvore chamada muáva. Depois de pisado fica de infusão em sufficiente agua até ao dia seguinte antes de nascer o sol, em que põe tudo a ferver em logar publico. Quando tem fervido bastante, é conduzido o réo em custodia até ao sitio onde está o ganga com o muáve, e é o mesmo ganga quem o applica, e preside á ceremonia. O vaso em que ferve o muáve contém, pouco mais ou menos, umas oito canadas de liquido, que é agua, e meia arroba, aproximadamente, da casca, que faz uma infusão mui similhante á agua barrenta das ribeiras no tempo das chuvas: o réo, que tem o tronco apenas coberto, deita os braços para traz, e na altura dos quadris com os dedos minimos das mãos segura, ou engancha os dedos minimos de outro negro, que para isso se põe por detraz d'elle, e assim começam um e outro a fazer balanço com os braços, e o réo em voz alta uma confissão geral de tudo quanto tem praticado, negando aquillo de que é arguido, e acabando sempre em estribilho «mas se tal fiz (em referencia á arguição) o muáve me condemne» e n'esta mesma postura fazendo uma curva com o corpo, começa a beber o muáve que o ganga lhe apresenta em uma grande gamella, do meio da qual bebe, repetindo a dóse duas, tres, e mesmo quatro vezes, em que absorve duas a tres canadas. Este processo conclue-se regularmente pelas 8 horas da manhã, hora em que o sol já está bastante forte. Deixa então a posição em que esteve, e sem constrangimento começa a correr em torno da povoação (por que é sempre fóra d'ella que tem logar este processo) sendo seguido pelos espectadores, que vão cantando. Este exercicio dura até que a bebida faça o seu effeito, que vem a ser expellida por cima ou por baixo. No primeiro caso está livre e justificado innocente, e então deitam-lhe farinha de milho pela cabeça, e é acompanhado com danças e cantigas. O auctor foge com os do seu partido para não serem maltratados, e mesmo mortos pelos parentes e adherentes do réo no primeiro impulso do seu enthusiasmo, e o mesmo ganga, se bem que a sua vida não corra perigo, para não ser insultado (como falsario) toma a cautela de pôr-se em retirada. No segundo caso, sendo o muáve arrojado por baixo, fogem os parciaes do réo, por estar provado o crime, e em logar de farinha lançam-lhe cinza, acompanhando-o com muitos alaridos de furor. Guardam-o então com segurança para ser queimado, sendo o crime feitiço. Acontece comtudo, ainda que raras vezes, appellar o réo para segundo muáve, dando por motivo a omissão d'alguma cousa na confissão. Crêem os cafres que havendo a circunstancia de palavra omittida no acto da confissão fecha-se a garganta ao réo de fórma que nada deixa passar para fóra, e por isso o muáve é arrojado inferiormente. No segundo muáve quasi sempre o expulsam por cima, o que é sem duvida devido ao estado de debilidade em que estão pelo prolongado jejum total. Então é justificado innocente, como se o lançasse da primeira vez. O processo do segundo é exactamente o mesmo que do primeiro. O réo, justificado innocente, argue o auctor, de quem váe haver indemnisação.

A queima d'um feiticeiro é feita da fórma seguinte. O padecente completamente nú, seja qual for o seu sexo ou edade, é estendido no chão de costas e amarrado fortemente a seis estacas bem cravadas na terra. Sobre elle vão armando lenha, de fórma que fica debaixo d'uma meda com o feitio d'uma eça de 12 a 15 palmos d'altura: e os pannos com que vinha coberto são postos em fórma de bandeira na arvore mais proxima: depois lançam-lhe fogo pela parte dos pés, acompanhando este barbaro processo com alaridos e toques de tambor: estando tudo reduzido a um montão de brazas, retirão-se.

Cada scena tem cantigas proprias. Não havendo quem procure escravos no sertão, estas scenas são mui frequentes, e se o intitulado feiticeiro é chefe de familia, o que quasi sempre acontece, toda ella fica escrava do auctor. Quem é, por via de regra, que tira todo o proveito d'estes suppostos crimes, são os regulos, que por qualquer pretexto escravisam os subditos, mas sempre baseados nos seus usos e leis.

O chefe da povoação onde está um moçambaz a negociar, em quanto alli se demora, tem uma fonte perenne tanto dos seus hospedes, como dos que vão vender, a quem sempre dizima.

Os escravos comprados são mettidos em gargalheiras de ferro ou de couro crú, e ainda mesmo de bambú. A maneira de as usarem é a seguinte.

Sendo de ferro, é uma corrente de fuzis, cada um de tres a quatro pollegadas de comprimento, e de um quarto de pollegada de grossura, de verga, e de dez braças de comprido: estas são as ordinarias. A primeira peça é uma gargantilha que segura o preso pelo pescoço, formada por dois semicirculos de ferro da grossura de um terço de pollegada, pouco mais ou menos, seguros um ao outro por um gonzo feito por meio de dois buracos e um cravo: nas outras pontas oppostas ha dois fuzis que ficam parallelos; unidos estes, fica o pescoço do negro seguro por este circulo. N'estes fuzis enfia-se um outro fuzil, passa-se a cadeia por aquelles, e já não é possivel abrir a gargantilha, senão quebrando ou tornando a passar a cadeia. Em uma das extremidades d'esta ha uma argola soldada, e muito mais larga

que os fuzis, e na outra uma outra muito forte, mas rebatida, que se não póde abrir sem talhadeira e martello. As de couro crú são feitas com tranças de tres pernas de couro crú muito molhado, e as gargantilhas são de arcos de bambú á medida do pescoço, forradas do mesmo couro, e cosidas depois com elle á corda; de fórma que, em seccando, não se abrem senão a machado. As de bambú tem o mesmo processo quanto ás gargantilhas, e em logar da corrente ou corda ser de materia textil, são as extremidades de um bambú cosidas ás gargantilhas. Esta prisão é pouco usada, por não ter grande segurança, e só em ultimo caso usam d'ella. Quando os cafres levam um escravo só, e receiam que lhe fuja, põem-lhe a gargantilha de bambú, e em logar de corrente ou corda, juntam-lhe um páo bastante comprido, e assim o conduzem levando-o adiante de si, e segurando a outra extremidade do páo. O preso assim seguro não é possivel resistir nem escapar. Os brancos usam ainda outra fórma de gargalheiras, só com a differença d'aquellas segurarem os presos pelo pescoço, e estas pelos pulsos, por meio de pulseiras de ferro, que, passando pelo elo da corrente, são rebatidas a martello no pulso. Estas não são muito usadas, porque prendem muito os movimentos, e não os deixam trabalhar, pois a comitiva quando se põe em marcha de volta, nem porque todos os escravos vejm em gargalheiras deixam de conduzir á cabeça toda a bagagem que ha, que de ordinario são viveres: e assim marcham escoltados.

GAMITTO.

O BARBEIRO-SANGRADOR.

Não cremos que haja nada mais difficultoso no seculo actual, do que descrever á letra da natureza, da educação, dos usos e dos costumes, daguerreotypar, em fim, qualquer de todas essas diversas vegetações que, sob um mesmo sol e uma mesma temperatura, crescem, não obstante, com aspecto, vida e colorido diversos, formando o admiravel ramilhete mixto de flores viçosas e murchas que constituem a sociedade. Não é porque o assumpto seja dos que moem o cerebro, e deitam a livraria abaixo. Para o tratar, quer seja artistica, quer litterariamente, basta tomar o lapis ou a penna, olhar para os originaes, e copiar sem tempero de casa, isto é, imitar na rigorosa significação da palavra. Alcançam-se duas cousas que não são para desperdiçar: o triumpho glorioso de pôr em debandada as palavras de Miguel Angelo — *Quem imita fica cem passos atraz* — e o prazer de illudir, com uns poucos de traços ou palavras, o leitor de vista mais perspicaz. O nó é outro, e para o desatar é preciso pedir uma serie de licenças ás doutrinas que mentalmente se suppõe dominar a epocha, e as quaes não são facilmente permittidas sem excommunhão, mil vezes mais perigosa que a do papa, de effeitos que, d'um momento para outro, se podem tornar mais praticamente sensiveis.

Mas em quanto o soberano futuro da sociedade moderna se espreguiça no seu leito invisivel, obedeçamos ás leis vigentes, e as leis vigentes para nós, no presente momento, são a necessidade que o *Archivo* tem da descripção do typo que hoje apresenta, e a uma outra de mais importancia, talvez, que é a *vantajosa* necessidade de lhe satisfazermos.

E dado o caso que o leitor perceba bem esta introducção, passâmos ao assumpto.

Antes de tudo declaremos já, ao menos para nos não compromettermos com todos os barbeiros, que este artigo contende só com os *barbeiros-sangradores*; e posto que entre o muito que estes tem de mais, haja, como a primeira parcella do seu nome d'officio indica, positivos pontos de contingencia com o barbeiro que apenas sangra por lapso, não os braços, mas os queixos do freguez, comtudo, o barbeiro-sangrador constitue um typo visivel e sensivelmente distincto d'aquelle.

A primeira cousa que logo á primeira vista nos fere, como advertindo-nos o respeito que se deve prestar a um homem encartado n'uma das mais serias e melindrosas funcções do cirurgião, é a gravidade do aspecto, o insinuoso olhar de desdem, a sobranceria que o *barbeiro-sangrador* não disfarça nunca nem com o seu mais familiar amigo, e com razão.

O *barbeiro-sangrador* prima sobre toda e qualquer outra especie de barbeiros, por uma multidão de circunstancias tão importantes e inviolaveis, que nem as proprias leis da sociedade, por mais de mil motivos suas inimigas, se atrevem a metter com ellas. Principia por ser um homem que foi elevado pela fama, cuja primeira parte elle só, com as suas forças intellectuaes, com os seus estudos de curiosidade, e sem explicador, creou e desenvolveu pelo modo seguinte.

Não importando muito entrar na indagação da sua origem genealogica, diremos que o interessante personagem em analyse só principia a tornar-se saliente quando se *estabelece*; isto é, quando põe loja, que mais tarde se desdobra n'um gabinete de consultas medicas e operações cirurgicas. Collocada a primeira pedra do edificio, a continuação depende de apparecer um freguez que tenha um cão que padeça de catarro chronico. Quando em fim esse freguez apparece, o nosso amigo declara-se sabedor d'uma receita infallivel, e offerece-se para curar o animal, dando elle proprio os ingredientes, e compondo a medicação. Acreditando ou não, o freguez acceita; charlatanismo ou não, o barbeiro dissipa o catarro do cão; a fama principia, e dentro em pouco já não ha mãos a medir!

Embriagado com os louros do prestigio, o nosso heroe não póde deixar de obedecer a esse alegre e esperançoso phantasma que persegue todo o homem que vence os primeiros degráos da elevação, quer material, quer intellectual. — « Um animal, diz elle lá comsigo, é, mal comparado, como uma pessoa: porque não hei de, pois, curar gente tambem? » — Dizel-o e resolvel-o são synonymos no seu diccionario. Mas, assim como para tratar de animaes carecia de lhe apparecer um freguez que tivesse um cão encatarroado, agora é necessario que lhe appareça um freguez com uma mazella materialmente visivel, quer dizer, no corpo, que mazellas moraes, essas não se propõe elle curar. Este degráo é mais custoso de vencer, porque, se todos suspiram por alguem que lhes cure os seus *cães*, todos fogem com o corpo quando sentem que lhes querem *curar* as *mazellas*.

Todavia vence-o de facto e direito, graças ao primeiro desesperado, na maioria dos casos justamente, contra os resultados negativos da douta sciencia medica, que se resolve a deixar experimentar a milagrosa acção de uma mistura de certas hervas particulares que o barbeiro lhe aconselha.

Tudo isto é muito já, mas ainda lhe falta o melhor. O prestigio cerca-o, multiplicam-se os louvores em torno d'elle, a gloria cobre-o de chammas luminosas; mas em toda esta dança raras vezes figura o rei do mundo lisongeando-lhe a bolsa, que é a cousa que elle mais deseja ver obsequiada. Todos lhe tributam a devida homenagem á sua intelligencia e sabedoria, porém são poucos os que lhe pagam em moeda corrente. Queixar-se não póde, e muito favor lhe fazem em não recommendar a sua pessoa ao conselho de saude, apesar do bem recebido.

Que fazer? Ha uma porta por onde entrar, é a porta do gabinete de um cirurgião. — « Farei um contrato, diz elle com os seus botões, farei um contra-

to com um cirurgião. Barbeal-o-hei sempre de graça, com a condição de me ensinar a sangrar, e indigitar-me depois para alliviar aquelles dos seus clientes, que não estiver para aturar, do sangue que lhe pese de mais. Este negocio rende por cada canada de sangue, que se tira em cinco minutos, uma cravela de doze, que tenho o direito de exigir sem receio, porque estou competentemente habilitado».

. . . .

Vêem-no? Eil-o alli está já *competentemente habilitado*, dispondo-se para tirar a tal canada de sangue áquella desgraçada mulher, a quem uma má estrella fadou para padecer nas mãos do medico, e acabar nas do barbeiro-sangrador.

NOGUEIRA DA SILVA.



O barbeiro-sangrador.

REINADO DE D. AFFONSO VI.

(Fragmentos).

DESGRAÇA DO SECRETARIO D'ESTADO ANTONIO DE SOUZA DE MACEDO.

Havia um anno que a rainha estava em Portugal. Pouco acariciada pelo rei; enojada pelas desordens e extravagancias que o marido sustentava no paço; desejosa de conhecer a marcha do governo, ou de partilhar a influencia, que os validos lhe recusavam; por ventura obrigada pelos interesses, ou instigada pelos conselhos da França; constituira partido seu (que era commum ao infante) dos descontentes do caracter do monarcha, e do despotismo do omnipotente escrivão da puridade conde de Castelmelhor.

Tudo estava em combustão: só esperava occasião para se inflammar.

Era ponto assentado sujeitar o rei a novas influen-

cias. Com impaciencia se aguardava ensejo opportuno para começar o combate, derrubar o ministerio, e obrigar Affonso VI a guiar-se por outros conselheiros. Ou descarregar o peso do governo sobre outros hombros, ou descer do throno.

O tão desejado momento de começar a lucta e medir as forças chegou em fim.

Estava-se em dia de S. Luiz, 25 d'agosto 1667.

O rei saíra da cidade, segundo seu costume, a buscar os touros que se deviam correr no dia seguinte. O secretario d'estado Antonio de Souza de Macedo apresentou-se a fallar á rainha. A pratica acalorou-se, e elle excedeu-se de modo que ella julgou que lhe faltava ao respeito, e mandou que fallasse mais baixo. Não obedeceu o secretario, e quando ella lhe voltava costas e se retirava á camara, tomou-lhe a cauda do vestido como para a reter, e prorompendo em queixas chamou os que alli estavam por testimunhas do tratamento que os portuguezes recebiam. Quereria excitar e levantar os portuguezes contra ella? Parece que só D. João de Sousa o escutára com alguma complacencia. Todos os demais, damas e cavalleiros, mostraram-se extremamente indignados, e houve mesmo entre elles fidalgos da primeira qualidade, entre outros D. João de Castro, que ameaçaram o secretario, e lhe disseram que só o respeito que deviam ao paço os impedia de o tratarem como merecia.

Voltando á meia noite, veiu o rei ver a rainha, e ouviu d'ella o que se tinha passado. Depois de dizer muitas vezes que o secretario era um louco, um extravagante, um arrebatado, indigno do cargo que tinha, e invocando mesmo testimunhos de que sempre fizera d'elle este juizo, disse espontaneamente, e sem que a rainha lh'o pedisse, que era preciso que Antonio de Sousa deixasse o cargo e a corte. Quando se levantou no dia seguinte declarou-o assim ao conde de Castelmelhor, que ficou com isto mortificado e contrariado, muito mais do que se póde imaginar.

O conde nada respondeu ao rei. Vindo para a sala da audiencia, todos notaram na sua physionomia o desgosto que tinha no coração. Aos abbades de Saint-Romain e Bani, disse que a rainha complicava tudo, que contára ao rei o que entre ella e o secretario d'estado se passára, por tal fórma que Affonso VI queria que Antonio de Sousa se retirasse e deixasse o logar, o que era bella recompensa de sete annos de serviços; e que, se assim por nada expulsavam o secretario d'estado, tambem elle se retiraria, e deixaria tudo. O mesmo repetiu a muitos outros.

Por isto se viu que o conde se oppunha á saída do secretario e tentava sustental-o. Com effeito, desde logo se pozeram em movimento todas as mollas, e todos os confidentes começaram a operar para mudar a resolução do rei, e reganhal-o. Sem que a rainha désse por isso, conseguiram-no facilmente.

Na vespera do dia em que devia haver a segunda corrida de touros, partindo o rei a buscal-os, disse á rainha, que o secretario se lhe apresentára para se justificar, ao que lhe respondêra que era á rainha que devia dirigir-se, porque nas mãos d'ella é que estava a sua graça ou o seu castigo.

— É um doido (repetiu o rei): disse que a vossa entrevista com elle não durára um quarto de hora, e fez-me um discurso de mais de uma hora para contar o que n'ella se passou. Ha de apresentar-se-vos; mas crê que o não recebereis, e n'isso fazeis bem. Elle teme-o, e por isso preparou um papel para adoçar e dar satisfação a v. m., mas creio que lh'o rejeitareis tambem. Mas não, não o rejeiteis: aconselho-vos que o recebais, que n'elle encontrareis muitas tolices e impertinencias, que nos darão maior motivo a castigal-o.

Nada se suspeitava da mudança do rei; mas quando aconselhava á rainha que acceitasse o papel, já estava mudado, e todo aquelle discurso fôra estudado e inspirado, não só para desobrigar-se da palavra que dera de castigar o secretario d'estado, mas tambem para levar a rainha a receber o papel, que era, segundo se espalhou, uma narração artificiosa da sua conversação, narração que queriam auctorisar fazendo-a vêr á rainha, para a apregoarem depois como peça authentica, recebida e confessada por ella. A verdade é que essa memoria foi mostrada a muita gente, e até se apresentou no conselho d'estado que se celebrou para tratar da separação do secretario. Com ella se queria cobrir a necessidade inevitavel de o separar.

Foi a deliberação d'esse conselho que acabou de perder não só Antonio de Sousa de Macedo, mas tambem Castelmelhor.

Do que se passou entre a rainha e o secretario restam duas relações feitas por ambas as partes. São dignas de se conhecerem e compararem.

Daremos primeiro a integra da memoria da rainha, feita conforme relatou o caso ao rei. Eil-a:

« Queixou-se-me o conde de Santa-Cruz de que todos os dias lhe embaraçavam a causa que trazia com Almeida, e que o levavam de um a outro tribunal, sem pôrem termo a isto. Disse-me que no desembargo do paço fôra julgada unanimemente a seu favor, e por este motivo levada ao conselho d'estado para o fazerem andar alli muito tempo, ou para o fazerem julgar por surpreza, á vontade do conde de Castelmelhor, por alguns dos conselheiros da sua dependencia, que teria o cuidado de escolher expressamente. Acrescentou até, que os amigos do conde de Castelmelhor haviam dado a entender ao rei, que eu sollicitára o negocio no desembargo do paço, e que o meu favor e as minhas sollicitações tinham impedido que se fizesse justiça a Almeida. Disse-lhe que sendo já mui tarde para mandar dizer ao secretario d'estado que me viesse fallar, o chamasse no dia seguinte, para saber o estado d'este negocio, de que o tinha encarregado, e cujos papeis puzera em suas mãos.

« No dia seguinte o secretario veiu por si mesmo procurar-me para me apresentar uma carta da camara d'Angola, que me fez entregar pela marqueza de Castelmelhor, por quem tambem lhe mandei dizer que esperasse, e saí logo a fallar-lhe.

« Disse-lhe algumas palavras sobre as cartas d'Angola, para lhe perguntar depois quando tinham vindo, e que noticias havia d'aquelle paiz. Respondeu-me o que lhe aprouve.

« Perguntei-lhe depois noticia do negocio do conde de Santa Cruz. Respondeu-me que estava affecto ao conselho d'estado.

« Disse-lhe que me admirava que lá o levassem sem me advertirem d'isso, e que devêra ter escolhido dois desembargadores, para me darem seu parecer sobre este negocio, depois que o examinassem, como lhe tinha encarregado. Disse-me que assim se tinha feito, e que mesmo todos os desembargadores tinham tomado d'elle conhecimento.

« Disse-lhe que elle tinha feito mais do que lhe havia ordenado. Respondeu-me que era costume, que esta casta de negocios se julgassem no desembargo do paço, e no conselho d'estado.

« O desgosto que o secretario tinha em me responder, me fez crer que o conde de Santa Cruz me tinha informado sincera e sufficientemente. Como o secretario me embaraçava o negocio, disse-lhe que não me importava como elle ía, pois estava certa que um tribunal como aquelle o teria julgado bem, e que sempre era tempo de o saber, mas que me admirava que tivesse feito tamanho caminho depois

que lhe entregára os papeis para serem vistos por dois desembargadores que me dessem a sua opinião, sem que me tivesse advertido, porque não podia saber se eu queria decidil-o por mim mesma, como o podia ter feito logo ao principio. Respondeu-me que el-rei quizera que fosse levado aos tribunaes; que fallasse a respeito d'isto ao conde de Castelmelhor.

« Disse-lhe que não fallava, nem fallaria nunca em cousa alguma ao conde de Castelmelhor, depois do desprêzo que me manifestára e máo tratamento que d'elle recebêra em todos os encontros. Respondeu-me com alguma emoção, que o conde fazia tudo quanto lhe era possivel para minha satisfação e por meu serviço. Sobretudo queria fazer-me acreditar que o conde me communicava todas as cousas de consequencia, fazendo valer isto a meus olhos como uma grande graça.

« Disse-lhe que suppunha o contrario: que o conde só me participava bagatellas, mas que não se me dava d'isso. Poz-se o secretario a querer persuadir-me ainda, que me davam conta de tudo; pelo que lhe lembrei, como por exemplo, o regresso do duque de Cadaval, pelo que me tinham criminado quando fallára n'elle, e me faziam segredo quando o deliberavam, a ponto de me ter vindo Castelmelhor dar na vespera noticia da chegada de duas pequenas embarcações, o que me fizera quasi perguntar-lhe, rindo, se o duque de Cadaval viera dentro dellas; mas contive-me, temendo não julgasse que me importava com isso, e segundo seu costume não fizesse d'aqui questão a el-rei. Respondeu-me o secretario que não sabia o que o conde me tinha dito, ou não tinha dito, sobre o regresso do duque; mas que, quanto ao mais, difficilmente o contentaria, se me não applaudisse dos serviços que me prestava.

« Disse-lhe que não se me dava que o conde nada me dissesse; que de boa vontade o dispensaria de me dar parte do que se passava, e que podia poupar-se ao incommodo de o fingir; que bastava que no que me tocava directamente tivesse por mim um pouco mais de attenção que aquella que tinha tido até alli. Asseverei ao secretario, que quanto ao mais estaria sempre satisfeita de que o conde fosse e mostrasse ser o unico todo-poderoso, porque felizmente não lhe tinha inveja; e bem longe de estar despeitada por não ter nenhuma influencia para a menor bagatella, vangloriava-me, porque as cousas succediam de modo que me davam gloria de não ter parte n'ellas, e que se temiam que se suppuzesse que eu partilhava com elles o poder, eu não temia menos partilhar a inveja que lhes tinham. Poz-se o secretario a justificar o conde, de modo que queria que eu julgasse que lhe era mui obrigada. Disse-me que elle fazia o mais que podia por mim, e muito mais porque os sentimentos que eu manifestava por elle o não deviam obrigar a isso.

« Disse-lhe que isso era facil de conhecer pelo estado da minha casa: que tudo me faltava, e não tinha com que viver: que o rei, para remediar isso, em parte, ordenára que se me fizesse um fundo de vinte mil cruzados por anno; mas que, não obstante todas as instancias que eu fizera e mandára fazer de sete a oito mezes a esta parte, não pudéra ainda obter de Castelmelhor as ordens que dependiam d'elle: que as graças que elle desejava e prendiam com os seus parentes ou amigos andavam um pouco mais depressa: que havia poucos dias chegára a não ter com que jantar, se não vasculhasse na bolsa o valor de tres ou quatro pistolas para m'o irem comprar á uma hora depois do meio dia: que entretanto outras pessoas construiam palacios na cidade e nos campos, e compravam d'uma vez terras no valor de dezenas de mil cruzados. Respondeu-me o secretario com o tom e ar d'um homem que tomava mais parte que prazer n'este discurso: que não se procurava senão contentar-me e servir-me, e que tinham mais infelicidade que falta em não o conseguirem. Que se não sabia como proceder para me agradar.

« Disse-lhe que, se tinha pena por o não saber, dir-lhe-hia que bastava tratarem-me em tudo como escrava, e como a pessoa mais vil do mundo, pregar-me peças, intrigar-me com el-rei, suscitar-me complicações, e com o coração alegre dar-me desgostos em minha casa, aborrecer-me, tirar-me o repouso que era o unico bem que me restava para contentar-me, fallarem de mim com menosprezo, e fazer tudo quanto podessem para m'o testimunhar, e proteger e favorecer, como o faziam, os criados que mais me queriam! Respondeu-me o secretario que eu era respeitada e adorada de todo o mundo; que nunca rainha o fôra tanto; que não podia desejar sel-o mais, e pouco faltou que não dissesse, que nem tanto merecia ser.

« Disse-lhe que bem sabia que era amada e respeitada de todo o mundo, a despeito d'alguns, de quem não era tanto: que conhecia a ternura do povo, da nobreza, e de todas as pessoas de bem, por mim, o que era toda a minha consolação nos *prazeres*, que me suscitavam alguns que me tratavam como uma negra, ou como se tivesse nascido ou vindo a Portugal para ser sua escrava! Este homemsinho me respondeu ainda com tom acre e alta voz, que não se sabia que fazêr para me contentar: que se eu nunca queria estar contente, não sabia elle remedio para isso: que junto a mim havia traidor que me mettia no espirito estas cousas e que me contava falsidades.

« Disse-lhe que me perdia o respeito, e que no logar em que estava e fallando-me a mim, melhor faria fallando mais baixo. Mas elle tornou com precipitação, que fallava como homem de bem, e queria fallar de modo que podesse ser ouvido por todo o mundo; que eu tinha traidores á roda de mim (o que repetiu muitas vezes tanto em francez como em portuguez), e que era preciso punir os que me davam novidades, e diziam toda a casta de mentiras.

« N'isto ordenei-lhe que se calasse e saísse da minha presença; mas vendo que elle não fazia nem uma nem outra cousa, e continuava dizendo-me cousas offensivas, com gestos e elevação de voz, que mostravam pouco respeito, assim como o sentido das suas palavras, retirei-me eu propria para não me ver obrigada, ou a supportar a vergonha de me ver injuriar na cara n'uma corte, onde a paciencia é menor e menos approvada que n'outra parte, porque n'ella os exemplos são mais perigosos; ou a tomar alguma resolução subita, que fosse mal interpretada junto a el-rei.

« Vendo o secretario que eu lhe voltava costas para sair, tomou-me pelo vestido para me deter, a fim de que ouvisse as outras *boas* cousas que lhe restavam por dizer, não querendo que perdesse nada: e não podendo deter-me, poz-se a gritar, olhando para as damas de minha casa, e para todas as outras pessoas que estavam presentes: *Vêde como a rainha nos trata! Vêde como trata os officiaes d'el-rei! Eu vos tomo por testimunhas. Nunca rainha nem de Portugal, nem de Inglaterra, nem d'outro estado, fez a nenhum subdito o que ella nos faz aqui, nem fallaram assim a seus criados nem a seus subditos. O rei de França não lhes fallaria assim. Só ella quiz proceder d'este modo, e sente prazer em gritar comnosco.*

« Parecia que este homemsinho queria que todos tomassem o seu partido contra mim, e pretendia excitar sedição entre os meus criados: se algum n'esta occasião não fez o seu dever, eu lh'o perdoo do co-

ração. A minha excessiva indulgencia pelo secretario, mesmo quando me faltou ao respeito, lhe fez crer que, proceder d'aquelle modo, não era falta. Mas todas as damas que estavam na sala e todas as pessoas de fóra que presentes eram, quando eu dava esta *bella* audiencia, mostraram por todos os modos tanta indignação e colera a este homemsinho, que pareceu que de nada lhes servíra a minha moderação, e estivera em perigo de receber logo do resentimento d'alguns fidalgos a punição que não temia da minha parte.

« Foi no dia de S. Luiz, 25 d'agosto, que isto succedeu, em quanto el-rei fôra buscar ao campo os touros que se deviam correr no dia seguinte. Á noite, ás onze horas ou meia-noite, fez-me el-rei, na sua volta do campo, a graça de vir ver-me. Conteilhe fielmente, palavra por palavra, e com toda a exactidão que me foi possivel, quanto se dissera e passára entre mim e o secretario. Applaudo-me da bondade com que el-rei escutou a relação que lhe fiz. Não me disse palavra de quanto lhe dissera do conde de Castelmelhor; mas á cerca do que o secretario me dissera assegurou-me immediatamente que o privaria do cargo e o desterraria da corte. Se eu tivesse querido excandescer o espirito d'el-rei, não houvera resolução que elle não fosse capaz de tomar, e fazer logo executar com todo o coração; mas eu deixei obrar os sentimentos naturaes que elle tem, e que terá sempre pela justiça, pela gloria, e por mim, quando lhe deixarem o coração livre, o espirito livre e na sua verdadeira situação.

« Disse-me el-rei que o secretario d'estado era um louco, um extravagante, e que bem o mostrára n'este caso; mas que antes d'este, e em todos os tempos, sempre o teve por tal e o julgou incapaz do cargo que occupava. Perguntou a algumas damas que estavam presentes, se ellas lhe não tinham sempre ouvido fallar d'este modo; e me disse, em fim, que era preciso que elle no dia seguinte deixasse o logar e Lisboa.

« Soube que no dia seguinte, mal el-rei acordou, deu logo ordem para irem dizer ao secretario que se retirasse immediatamente, e que lhe chamára maroto, louco, arrebatado, que me faltára ao respeito, e me menosprezára e maltratára fallando-me como me fallára. Mas deram-se ordens contrarias ás do rei ácerca do secretario, fallando-se d'elle de modo diverso que s. m. O conde de Castelmelhor se accendeu a fallar de mim a todo o mundo, de modo que pudéra queixar-me, se houvesse querido, e outra teria com difficuldade dissimulado. O que dizia mais doce era que eu contára a el-rei tudo quanto se passára entre mim e o secretario d'estado de modo diverso do que fôra: que eu não fallava verdade em nada, e pelo contrario o secretario d'estado não dizia uma palavra que não fosse verdadeira; quando elle para desculpar-se e adoçar el-rei não fazia senão inventar a mór parte das cousas que depois avançou contra mim.

« Dois dias esteve el-rei cercado e atacado continuamente pelo conde de Castelmelhor, e seus partidarios, para lhe fazerem voltar contra mim a colera com que estava contra o secretario d'estado, e não foi sem muito custo, que os artificios que empregaram para isso, conseguiram mudal-o.

« El-rei me veiu então ver, e continuou a dizerme que o secretario d'estado seria punido; que era preciso que obedecesse á ordem que se lhe dera de se ausentar, e que para isso viria despedir-se de mim. Perguntou-me el-rei se eu o receberia, e acrescentou logo como cousa sua, que eu faria bem se o não recebesse. El-rei me disse que elle era um estranho louco, e me contou muitas cousas galantes, acrescentando que elle tinha um papel o mais impertinente do mundo para me apresentar, papel que estava cheio de insolencias e loucuras, e que era preciso que eu o recebesse para haver ainda novas razões para mais punir este homemsinho.

« Recebi em fim o tal papel, e confesso que ao lel-o me admirei da imprudencia que o secretario tivera em encher com tantas mentiras maliciosas e grosseiras um escripto, que eu devia ver, e que bem devia suppôr que me offenderia extremamente. Isto me faz crer que se quer servir d'elle no publico, e espera que a ousadia que tivera em m'o apresentar, passará por uma prova de que escrevêra a verdade, porque ¿quem póde suppôr que um homem que tem apparentemente necessidade do meu perdão, pois que finge pedil-o, venha a sangue frio dizer-me na cara e dar-me por escripto cousa soffensivas, cuja falsidade e malicia não póde nem pretendeu esconder-me?

« O que mais me admira é a ousadia com que o conde de Castelmelhor e seus amigos abusaram da bondade e da facilidade d'el-rei, para me fazer receber este papel por surpreza.

« Logo que o tive nas mãos, s. m. em logar de dizer, como d'antes, que o secretario era louco, incapaz do seu cargo, e o escripto cheio d'extravagancias, começou a fallar-me d'este homem, como se fosse necessario ao seu serviço, e do seu papel como d'uma satisfação sufficiente para mim. Confesso que até alli pudéra facilmente resolver-me a perdoar ao secretario, por qualquer leve satisfação; mas estas novas injurias e estas surprezas com que escarneceram d'el-rei e de mim, não me permittirão desistir nunca de pedir a s. m. a justiça que me prometteu pelas primeiras offensas. »

(Continúa). JOSÉ DE TORRES.

ENIGMA.



Explicação do enigma do numero antecedente.

Só Deus é grande.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 F.